

**Uso da mídia digital como fonte na História do Tempo Presente:
Construção de um lugar de memória sobre os fluxos migratórios contemporâneos
no Brasil¹**

Samira Moratti FRAZÃO²

Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Florianópolis, SC

Resumo

A intenção do presente estudo é discutir o uso da mídia digital como fonte na História do Tempo Presente, considerando dentre outros fatores o aspecto presentista dessa mídia. Parte-se do pressuposto de que a mídia digital, incluindo os seus produtos como é o caso do jornalismo, compreende um lugar de memória sobre os acontecimentos narrados. Neste sentido, as representações vinculadas em tais mídias podem impactar a vida dos personagens e/ou acontecimentos, como é o caso dos fluxos migratórios contemporâneos, envolvendo migrantes de várias nacionalidades para o Brasil nos últimos seis anos. A proposta da discussão tem por base os estudos de François Hartog, Reinhart Koselleck, François Dosse, Pierre Nora, dentre outros, bem como uma análise empírica envolvendo notícias publicadas em sites últimos seis anos.

Palavras-chave: História da Mídia Digital; Fluxos migratórios contemporâneos; História do Tempo Presente; Lugar de memória.

A noção de presentismo e sua relação com as mídias digitais

A profusão de informações divulgadas diariamente pelo jornalismo digital provocou uma ruptura no modo de produção da notícia realizada no passado. Diferente do impresso e do audiovisual que demandam técnicas específicas e exigem um tempo exíguo de produção e edição do produto final, o jornalismo digital possui uma característica peculiar, a da produção minuto a minuto, com atualização constante. Possibilita, portanto, aos profissionais e aos membros da sociedade que participam dos fluxos informativos de estarem no local dos acontecimentos no momento de sua ocorrência, e mediar a informação aos demais indivíduos, bastando para tanto uma conexão com a internet.

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Digital integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia (Alcar 2017). O presente trabalho é um recorte de tese em andamento.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/UDESC). Mestre em Jornalismo (PPGJor/UFSC). Integrante do Observatório das Migrações de Santa Catarina e do Laboratório de Relações de Gênero e Família (LABGEF/UDESC). email: samiramoratti@gmail.com

Ainda que a característica do imediatismo também esteja presente em plataformas como o rádio, o jornalismo digital possibilita a junção de diferentes meios de informar, mesclando áudio, texto e imagens. Congrega materiais distintos em um mesmo ambiente. Ao considerar seu caráter imediatista, associado ao poder de conjugar linguagens diferentes na mediação de um conteúdo, esse tipo de fonte pode ser encarada sob um viés presentista, em referência ao conceito trabalhado nas pesquisas do historiador francês François Hartog (2013). Mas o que seria o presentismo?

Para o autor, o presente é inquieto. Está no limite da ruptura, "... que ele próprio não cessou de aprofundar, entre o campo da experiência e o horizonte de expectativa" (HARTOG, 2013, p. 156), em alusão aos estudos de Reinhart Koselleck e que diz respeito à relação entre o passado e o futuro. O presentismo seria, portanto, manifestado quando a sociedade, a partir do presente, evidencia os acontecimentos do agora em detrimento do passado ou sem pensar em um futuro possível. "O presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato" (HARTOG, 2013. p. 148).

Por isso o presentismo é diferente do presente. É um neologismo advindo da categoria de futurismo, ao passo que esta é compreendida por um espaço no qual o futuro atuaria como um guia (HARTOG, 2013).

Com base nos pressupostos de Santo Agostinho acerca do significado de presente, François Dosse advoga da ideia que ele abarca as demais categorias temporais, passado e futuro, com elas se relacionando e coabitando em um determinado espaço no tempo. Neste sentido, a memória atuaria como o presente do passado; a visão seria entendida enquanto presente e a expectativa seria a terceira e última categoria, o futuro (DOSSE, 2013).

Por sua vez, Reinhart Koselleck (2014) analisa o presente sob a ótica de um ponto de encontro das três categorias de tempo. Nele, passado e futuro convergiram. Com seu passar, o próprio presente é transformado não se sabendo ao certo quando começou, em que ponto está e quando será seu findar. E complementa: "Todo tempo é presente num sentido específico. Pois o futuro ainda não é, e o passado já não é mais. O

futuro só existe como futuro presente; e o passado, só como passado presente” (KOSELLECK, 2014, p. 231).

O presentismo pode então ser concebido por essas duas faces: uma com um “horizonte aberto” (HARTOG, 2013, p. 15), acelerado e em constante mobilidade, e na outra face um “horizonte fechado” (HARTOG, 2013, p. 15), no qual o que vale é a sobrevivência no hoje, sem perspectiva de um futuro e sem um passado que possa ser lembrado. O futuro seria considerado uma ameaça, resultante das catástrofes provocadas pelos seres no presente. E o presentismo um momento no qual o presente seria evidenciado enquanto onipresente (HARTOG, 2013).

O modo como as sociedades, de forma coletiva e/ou individual, desenvolveram-se e relacionaram-se com o tempo é compreendido por Hartog (2013) como a historicidade, ao passo que o regime de historicidade seria a articulação entre o presente e o passado, com a possibilidade de um futuro, e em como as sociedades fazem uso do tempo e o relacionam com o passado em diferentes ordens temporais. Para Hartog (2013) atualmente estaríamos vivendo um regime de historicidade vigente desde o século XX, no qual o futuro estaria descolado do passado e o presente possui maior destaque em relação às demais categorias de tempo. Desse modo, os meios jornalísticos tornam-se um modo de marcar a experiência presentista (RAMALHO, 2014). Podem, portanto, ser considerados um lugar de memória.

Ao mencionar o conceito, faz-se oportuno recorrer aos estudos do historiador francês Pierre Nora. Para ele, a partir de uma análise crítica pela história, o passado pode ganhar vida por intermédio de interpretações, feitas com base em vestígios materializados em documentos, arquivos ou relatos daqueles que viveram em um determinado período histórico (NORA, 1993).

E o que vem a ser os lugares de memória? Segundo Nora, seriam “... restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 12-13). O historiador exemplifica tais lugares como redutos físicos e simbólicos, heranças de grupos de um tempo que não existe mais, com três características específicas e que são coexistentes: lugares materiais, simbólicos e funcionais.

Uma necessidade, portanto, de uma sociedade acelerada, que ambiciona um futuro que ainda não lhe pertence, preocupada em não fazer viver a memória. Relega, deste modo, aos repositórios físicos e imateriais a incumbência de perpetuar uma memória sobre determinado acontecimento ou momento que se viveu. Na ausência de uma memória espontânea vivida coletivamente, caberia aos historiadores a função de conferir sentido a esses lugares de memória, por meio da crítica e da problematização dos resquícios que ali habitam. E, nessa operação historiográfica, traduzir à sociedade sentidos possíveis sobre suas versões institucionalizadas.

Para se tornar um lugar de memória, é preciso que haja a intenção, uma vontade de memória (NORA, 1993). No caso da problemática aqui apresentada, quando os acontecimentos em torno dos fluxos migratórios contemporâneos são evocados direta ou indiretamente através da mídia digital, esta pode vir a se tornar um lugar imaterial de memória.

O processo de rememorar, porém, traz consigo subjetividades, lapsos e esquecimentos, de modo que o lembrar jamais trará a tona a vivência real (HALBWACHS, 1990). Deste modo, o lugar de memória poderia auxiliar quem dele se vale a relembrar um tempo que não existe mais. No entanto, esse reconstruir a história requer crítica e ambivalência, uma vez que os vestígios apresentados podem não corresponder, de fato, ao que representam.

Ao considerar a função realizada pelas mídias digitais ao contar ou recontar acontecimentos, do passado e do presente, podem constituir, portanto, um lugar de memória. Para Ana Paula Goulart Ribeiro, o jornalismo pode ser considerado um lugar de memória porque “... a mídia – sobretudo a jornalística – aponta, entre todos os fatos da atualidade, aqueles que devem ser memoráveis no futuro, reinvestindo-os de relevância histórica” (RIBEIRO, 2007, p. 7).

A história feita sob uma perspectiva da contemporaneidade ou ainda de forma imediata estaria arraigada a uma vida agitada, na qual são produzidos diariamente uma infinidade de fatos que, embora não possuam grande relevância, são transformados em acontecimento sob a condução daqueles que dominam ou atuam nas mídias. “É essa

imediação da comunicação que impõe o desenvolvimento da história imediata”, afirma Jean Lacouture (2005, p. 319, grifo do autor).

No que diz respeito à noção de acontecimento, o regime de historicidade “... concede ao acontecimento sua importância por sua capacidade em fazer acontecer o novo e com ele uma outra relação com o mundo e sua temporalidade” (DOSSE, 2013, p. 325). Assim, o acontecimento pode possuir um status relacionado ao tempo, ao regime de historicidade no qual ocorre (DOSSE, 2013).

François Hartog sugere que o regime moderno de historicidade, dado a partir do século XVIII, teria sido interrompido com a queda do muro de Berlim em 1989, momento a partir do qual o presente prevaleceria sobre as demais categorias de tempo (passado e futuro), culminando, portanto, com o que ele chama de “tirania do imediato” (HARTOG, 2013, p. 259).

Novamente o imediatismo é marcado, esta que é uma das características presentes na produção jornalística guiada por *deadlines* curtos para que o jornalista possa cumprir a entrega da notícia e sua posterior edição e veiculação na plataforma para a qual foi produzida, seja impresso, rádio, digital, televisivo/audiovisual, etc. (TEIXEIRA, 2009). Assim o é com inúmeras notícias que são lançadas minuto após minuto, hora após hora, dia após dia em um fluxo 24x7 (24 horas por sete dias da semana) à sociedade, notadamente no espaço virtual no qual se expressa o jornalismo digital, aqui tomado como fonte histórica.

Na busca pelo “furo jornalístico” que possibilitará prestígio junto a seus pares, o jornalista pode incorrer ou não em riscos à integridade de sua construção narrativa, caso não atue de modo a proceder um jornalismo considerado como de qualidade, com verificação das informações e confrontação com outras fontes informativas, com vistas a alcançar a isenção jornalística. No entanto, o imediatismo característico de seu trabalho pode dificultar esse processo. “O jornalismo, forma elementar e balbuciente da história imediata, é terrivelmente tributário do ‘furo’, da notícia inédita e, ao mesmo tempo, surpreendente (LACOUTURE, 2005, p. 310).

Quanto à qualidade do conteúdo jornalístico, as escolhas para alçar um determinado fato a um acontecimento em detrimento de outro e o processo de pesquisa,

aprofundamento e verificação dessa informação passam a ser questionados. Diante de uma ditadura na qual o tempo flui continuamente, é compreensível pensar que este produto jornalístico possa, ao final do processo, carecer de revisão e problematização. Com uma profusão cada vez maior de informações o próprio público pode ou não complexificar o conteúdo que consome. Ou seja, com a divulgação ininterrupta de notícias os meios de comunicação, sobretudo a internet, podem promover a banalização de um acontecimento que necessitaria de maior compreensão e aprofundamento.

Para ilustrar a questão, é possível utilizar aqui a temática em torno dos fluxos migratórios contemporâneos. No caso de informações sobre determinados grupos (i)migrantes que dão entrada no Brasil a partir da primeira década do século XXI (motivados por uma migração de ordem econômica e/ou em busca de refúgio) são, em alguns casos, repassadas ao público sem apresentar desdobramentos sobre os motivos de sua vinda, como se dá o processo de inserção e integração, tampouco os possíveis entrelaçamentos com o passado do Brasil percebido na construção identitária e na academia como um país “acolhedor” de migrantes. Caberia um olhar distanciado do presente para dar conta do fenômeno.

Diante de circunstâncias emergenciais, como o número crescente de migrantes, sobretudo refugiados³, vindos ao Brasil, o impacto da crise econômica global iniciada em meados da primeira década do século XXI em nível mundial na economia e política locais, como deixar o tempo esvaír para discutir o tema no campo da História do Tempo Presente sem, contudo, deixar de refletir os impactos e consequências na contemporaneidade deste movimento social, geopolítico e cultural?

Acredita-se, portanto, ser fundamental levantar tais questões na História do Tempo Presente, buscando as conexões com o passado – o qual possui, no que diz respeito aos fluxos migratórios contemporâneos, inúmeras explicações para compreender o presente – contribuindo para o debate em outros campos das Ciências Humanas e Sociais.

³ De acordo com o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), órgão ligado à Secretaria Nacional de Justiça brasileira, entre 2010 e 2015 foi registrado um aumento de 2.868% nas solicitações de refúgio no país: em 2010 por exemplo foram recebidas 966 solicitações; em 2015 esse número alcançou a marca de 28.670 pedidos. Atualmente vivem no país cerca de 8.863 refugiados reconhecidos, entre homens, mulheres e crianças, de 79 nacionalidades, em especial da África, Ásia, Oriente Médio e Caribe (ACNUR, 2016).

O historiador e o uso da mídia digital como lugar de memória na História do Tempo Presente

Entende-se que há o diálogo da presente discussão com o papel do historiador no processo historiográfico que empreende. Cabe, portanto, a ele guiar o modo de ser do passado quando emerge no presente. Por meio da memória, o historiador contemporâneo pode ampliar e renovar o campo, uma vez que ele, mediador entre presente e passado, pratica em seu trabalho o exercício da memória, atividade que vem desaparecendo no presente por conta de fatores como a midiaticização, a globalização e a massificação (HARTOG, 2013).

Para Hartog, os lugares de memória seriam construídos e reconstruídos, revisitados; é o historiador quem irá percorrê-los, mantendo-os vivos e reencontrando neles discursos para agir na escrita da história. “O que faz o lugar de memória é, enfim, que ele seja um entroncamento onde se cruzaram diferentes caminhos de memória” (HARTOG, 2013, p. 165). Dessa forma, lembrar pode transformar fatos passados. “A lembrança é ativa, ela não é um surgimento involuntário do passado no presente; visando um momento do passado, ela tende a transformá-lo” (HARTOG, 2013, p. 168).

O historiador também constitui um lugar de memória (HARTOG, 2013). E como ele pode constituir este espaço? Com o auxílio de fontes que também podem armazenar memórias ou seus traços, como o jornalismo, e aqui se detém particular atenção à mídia digital.

Assim sendo, ao analisar um produto feito por terceiros, como é o caso proposto, há um desafio em compreender a forma como esse produto foi feito e disponibilizado, o modo de produção e edição e as possibilidades de influência de tais processos na concepção da informação e, conseqüentemente, como as notícias influenciam o público que expõe seu ponto de vista nos canais promovidos pelos próprios meios de comunicação. Ainda que se estabeleça uma relação dialógica com o público, sobretudo com a proposição de meios pelos quais ele possa manifestar sua opinião – o campo de comentários nos sites por exemplo – o discurso amplificado hegemonicamente será o da

mídia em questão. Esta pode distorcer ou criar e recriar realidades e representações de acordo com suas premissas ideológicas, políticas, culturais e religiosas.

Por isso, em meio às idas e vindas na história para Hartog o historiador deve, por meio de arquivos e demais dados históricos, “... saber ouvir ‘os murmúrios de uma grande quantidade de almas sufocadas’: todos esses mortos em relação a quem o presente contraiu uma dívida” (HARTOG, 2013, p. 172). Mesmo com a existência de um discurso hegemônico por parte da mídia considerada tradicional ou com maior audiência, outras narrativas são produzidas paralelamente seja por jornalistas, por parte do próprio público que não concorda com esse discurso ou ainda por parte daqueles que são representados nessa construção narrativa, como é o caso de produtos informativos produzidos pelos próprios (i)migrantes, um dos focos da análise empreendida pela comunicóloga especialista no tema Denise Cogo (2001; 2012).

O historiador poderia, então, fazer uso das mídias digitais, compondo seu arquivo e utilizando o senso crítico na análise das narrativas apresentadas no material jornalístico em questão. Portanto, o presente seria um ponto de partida, da mesma forma que constituiria o ponto de vista e também o de chegada do historiador sobre determinado acontecimento histórico, com vistas a questioná-lo; seria uma categoria dominante de análise (HARTOG, 2013).

As fontes digitais seriam, então, entendidas como lugares de memória, repositórios de acontecimentos construídos e representados a partir de determinados vieses, pelos quais podem ser levantadas questões que instigam, põem em dúvida, provocam o historiador. Logo, é ele quem irá procurar, nos rastros do passado deixados em fontes paralelas, pistas para compreender o presente e quiçá vislumbrar horizontes de expectativa.

Esse transitar pela história, recorrendo ao espaço de experiência a fim de encontrar vestígios que possam contribuir para esclarecer ou vislumbrar um horizonte de expectativa nas falas de Koselleck (2006), permite ao historiador conhecer múltiplas temporalidades. Na mesma medida, esta história é marcada não apenas pelo tempo como pelos indivíduos, os quais atribuem a ela um sentido, que somente pode ser

compreendido plenamente considerando o lugar de fala de quem produz tais narrativas (RICOEUR, 1994).

Novamente frisa-se que os produtos digitais propostos para a análise constituem também lugares de memória quando registram acontecimentos, ainda que sem o rigor aplicado na operação historiográfica; desse modo, podem vir a se tornar fontes históricas no futuro ou ainda em uma história realizada no tempo presente. Todavia, promovem um olhar pouco ou raramente distanciado do presente. Devido a busca incessante por atualização, elemento que possui estreita relação com o imediatismo, o conteúdo encontrado nessas fontes é costumeiramente baseado nas informações do hoje, em detrimento do conhecimento e informações produzidas no passado.

Deste modo, o conteúdo proposto nas fontes digitais contribuem para a profusão de narrativas presentistas quando poderiam ser aprofundadas, recorrendo a acontecimentos semelhantes no passado, ou com base em produções históricas que vislumbrem os temas contemplados.

Como o problema apresentado envolve produtos jornalísticos, também é necessário compreender o conceito de acontecimento em uma perspectiva próxima à produção jornalística. Referenciada em análises teóricas sobre o campo, a socióloga Gaye Tuchman tipifica o acontecimento de três formas distintas: 1) acontecimentos noticiosos localizados, relativos aos acontecimentos que embora advenham imprevisivelmente, são noticiados de forma ágil pelos veículos que praticam o chamado *Hard News*, ou seja, as notícias relevantes, impactantes, divulgadas minuto a minuto, sete dias por semana; 2) acontecimentos noticiosos em continuação, o oposto do primeiro caso. São previsíveis, dotados de uma intenção que os promove, ou seja, que os pré-anuncia, com ocorrência regular; e 3) acontecimentos noticiosos em desenvolvimento, dotados de imprevisibilidade, semelhante ao primeiro, porém relativos a um acontecimento que já esteja em curso (In TRAQUINA, 2008, p. 97-98).

As notícias sobre os fluxos migratórios contemporâneos para o Brasil poderiam, nesse ensejo, ser enquadradas como acontecimentos noticiosos em desenvolvimento. Por exemplo, quando a partir de 2010 os haitianos passaram a migrar ao país, outros fluxos migratórios provenientes do Haiti continuaram migrando para o Brasil. Neste

cenário, nacionais de outros países também integraram o fluxo, como é o caso dos africanos com mais intensidade a partir de 2014 e os sírios em 2015, em decorrência da onda migratória no Oriente Médio e Europa. Juntos, esses fluxos foram alçados cada qual à categoria de acontecimento, com certa regularidade e perdurando ao longo do tempo nos últimos seis anos, ainda que cada grupo possua especificidades, como é o caso dos refugiados. No entanto, a temática que os aglutina é a mesma, a dos fluxos migratórios contemporâneos.

Os acontecimentos tanto sob uma perspectiva jornalística quanto histórica possuem um elemento em comum: em seu processo de ocorrência, dizem respeito à algo do presente, geralmente imprevisível. No entanto, embora a “presentificação da história” (DOSSE, 2013, p. 85) possa influenciar a concepção do *événementialité* de um fato, ou seja, sua acontecimentalidade, mesmo que seja encarado enquanto algo novo, o acontecimento possuirá laços com outros eventos anteriores.

Os fluxos migratórios contemporâneos não seriam deste modo considerados puramente presentistas, embora estejam promovendo acontecimentos, isolados ou encadeados, na contemporaneidade. A mobilidade humana se acentuou em um contexto no qual as economias nacionais estreitaram relações econômicas em escala global, relacionado ainda às inúmeras transformações sociais ao longo do tempo (CASTLES, 2005).

As mídias digitais como lugar de memória no registro dos fluxos migratórios contemporâneos

Antes de explorar a questão, faz-se necessário tratar acerca do indivíduo migrante e suas motivações no processo migratório. Muito embora ocorram novos deslocamentos ligados a acontecimentos considerados inéditos, em massa ou individuais, as motivações que levam um indivíduo a migrar seguem uma linha de raciocínio similar com o passar dos tempos.

Em linhas gerais, há incontáveis fatores e acontecimentos possíveis, mas em muitos casos as motivações podem ser econômicas, em virtude da falta de segurança em

seus locais de origem, visando a socialização com familiares distantes ou ainda com o objetivo de construir novos laços sociais (CASTLES, 2005; SAYAD, 2011). Os acontecimentos envolvendo migrantes vindos para o Brasil nas duas primeiras décadas do século XXI, especialmente nos últimos seis anos, evocam imaginários sociais sobre as grandes migrações ocorridas no passado, os quais podem ser envoltos em discursos que legitimam as migrações do passado em detrimento das contemporâneas.

Para exemplificar a questão, foi feito um breve mapeamento com foco nas notícias publicadas nos últimos seis anos, momento em que diversos grupos migratórios passaram a vir para o Brasil com mais intensidade, sobretudo os de origem caribenha, latina, africana e árabe. Foram selecionadas apenas as notícias cujas manchetes ou texto expusessem, de forma direta, as palavras “migrantes no Brasil”, retirando desse corpus reportagens cujo foco principal não tratasse da migração ou que se referisse a fluxos migratórios em outros países. A pesquisa foi realizada no repositório online Google Notícias⁴. Considerou-se apenas sites de notícias, excetuando-se redes sociais, como blogs ou outros tipos de sites que não os eminentemente jornalísticos. No total, foram encontrados 417 resultados. Destes, foi feita uma seleção com 30 notícias, das quais foram escolhidas nove abaixo descritas.

De um modo geral, notou-se quatro eixos temáticos predominantes sobre o macrotema “migrantes no Brasil”, e que versam sobre 1) aspecto legal das migrações (com referencia à legislação vigente, com seis notícias); 2) migração vista enquanto problema, para o país e para os próprios migrantes (com nove notícias); 3) migração em números (neste caso, o destaque do texto ou manchete se dá para o número, crescimento ou decréscimo do número de migrantes para o Brasil, com onze notícias); e 4) migração sob o aspecto cultural e social (abordagens que enfatizam positivamente a cultura e o processo de inclusão e integração de migrantes no país, com quatro notícias). O segundo eixo com o maior número de notícias selecionadas, foi o da migração vista enquanto um problema.

⁴ As notícias foram mapeadas no período de janeiro a março de 2017. O site pode ser acessado pelo seguinte link: <https://news.google.com.br/>.

Tabela 1: Notícias selecionadas sobre Migrantes no Brasil (2010-2017), por eixo temático			
Eixo temático: Migração vista enquanto problema			
Data da publicação	Veículo	Manchete	Link da publicação
18/11/2013	EBC Brasil	Destino de migrantes haitianos continua preocupando defensores de direitos humanos	http://www.ebc.com.br/noticias/colaborativo/2013/11/destino-de-migrantes-haitianos-continua-preocupando-defensores-de
13/05/2014	Terra	Imigrantes haitianos sofrem racismo e xenofobia no Brasil	https://noticias.terra.com.br/brasil/imigrantes-haitianos-sofrem-racismo-e-xenofobia-no-brasil,a55e260ac95f5410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html
05/11/2015	Rede Brasil Atual	Preconceito é mais forte contra migrantes vindos de países pobres	http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/11/preconceito-tem-a-ver-o-fato-de-refugiados-virem-de-paises-pobres-diz-instituto-adus-8234.html
31/01/2016	Repórter Brasil	“Alguns brasileiros tratam os haitianos como escravos”	http://reporterbrasil.org.br/2016/01/alguns-brasileiros-tratam-os-haitianos-como-escravos-diz-lider-de-associao-de-imigrantes/
04/08/2016	RFI	Refugiados muçulmanos são discriminados no Brasil	http://br.rfi.fr/brasil/20160801-refugiados-muculmanos-sao-discriminados-no-brasil
11/08/2016	Folha de São Paulo	Pesquisa revela alta rejeição a refugiados e imigrantes no mundo ⁵	http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/08/1801673-pesquisa-revela-alta-rejeicao-a-refugiados-e-imigrantes-no-mundo.shtml
11/01/2017	Sul 21	Morte de mais um migrante vítima de violência expõe dificuldades e ‘decepção’ com Brasil	http://www.sul21.com.br/jornal/morte-de-mais-um-migrante-vitima-de-violencia-expoe-dificuldades-e-decepcao-com-brasil/
16/01/2017	Sul 21	Sem emprego, senegaleses no mercado informal vivem rotina de apreensões e agressões	http://www.sul21.com.br/jornal/sem-emprego-senegaleses-no-mercado-informal-vivem-rotina-de-apreensoes-e-agressoes/
18/02/2017	Veja	Roraima espera maior migração de venezuelanos em 2017	http://veja.abril.com.br/brasil/roraima-espera-maior-migracao-de-venezuelanos-este-ano/

Fonte: produção própria da autora.

O eixo temático com o maior número de notícias, sobre “migração em números”, ressalta a quantidade de migrantes no Brasil, vindo ou saindo do país em busca de outros destinos. Expressões como “crise migratória”, “números recordes de refugiados”, “Número de imigrantes cresceu 86,7% em dez anos no Brasil”, dentre outros identificados podem ser interpretados como um fator negativo para evidenciar a migração, tratando as pessoas como números e deixando de representar, em sua narrativa, as histórias de vida por trás dos dados estatísticos. O que também contribui para que migrantes possam ser vistos com desconfiança pela sociedade local, promovendo ou estimulando o aparecimento de sentimentos xenófobos, de preconceito, discriminação e até racismo por parte dos nativos.

⁵ Pesquisa apresentada na reportagem também destaca cenário brasileiro. Por este motivo, foi considerada na seleção.

Ou seja, a forma como a mídia digital pode constituir um lugar de memória, registrando acontecimentos sobre os fluxos migratórios contemporâneos, pode contribuir para que haja um rechaço contra eles. Não raro estão em uma situação de vulnerabilidade, precisando de acolhimento, inclusão e integração, com respeito às suas culturas e vivências.

A presente pesquisa lida, portanto, com um duplo desafio: 1) a análise de acontecimentos ocorridos em um contexto presentista (fluxos migratórios contemporâneos para e no Brasil nos últimos seis anos), embora possuidores de elementos cujas raízes se fincam em diferentes estratos de tempo; 2) e tal análise é feita com o auxílio de fontes digitais, vistas enquanto lugares de memória e que podem, nesse contexto, ser utilizadas como fontes na História do Tempo Presente.

Se no passado as fontes oficiais na história eram, sobretudo, aquelas cuja materialidade se dava por meio do papel, questiona-se desse modo os motivos pelos quais fontes documentais digitais ainda sejam utilizadas como alternativas, quando da ausência das fontes corporificadas em meio impresso (ALMEIDA, 2011).

Não se quer dizer, com isso, que os documentos impressos sejam descartados; o que se questiona é que mesmo diante da popularidade do meio digital de informar e comunicar na contemporaneidade, seu uso ainda é visto com cautela no campo acadêmico (ALMEIDA, 2011). Pesquisas como a presente também propõem, portanto, levar tal questão à tona, uma vez que os riscos com os quais as fontes digitais lidam, dentre eles a dificuldade na composição de acervos ou mesmo no que diz respeito aos direitos autorais, o mesmo se aplica direta ou indiretamente às fontes impressas. O que muda é o modo como o acervo das fontes digitais será constituído, de forma que possibilite o acesso não apenas do pesquisador que o origina, como dos demais e possíveis interessados. No tocante ao direito autoral, o mesmo cuidado concedido ao referenciar autores de documentos impressos também deve ser dado ao digital.

No entanto, entende-se que a internet possui uma particularidade no que diz respeito à transitoriedade dos links, que podem vir a sofrer perdas ou expirar ao longo do tempo, em virtude de problemas relacionados à base de dados disponibilizada em ambiente web e que pode ser corrompida, quando da ausência de dispositivos de

prevenção e da perda de arquivos (DUDZIAK, 2015; GONÇALVES & GURAL, 2016). Ainda que haja essa possibilidade, ao pesquisador cabe a prevenção de construir seu próprio arquivo, salvando as fontes digitais em documentos em formato PDF, *Portable Document Format*, em tradução livre “Formato Portátil de Documento”, sendo possível, ainda, disponibilizá-los em um repositório online, ou ainda imprimindo as informações em papel e construindo, desse modo, seu acervo documental (DUDZIAK, 2015; GONÇALVES & GURAL, 2016).

Assim como o historiador deve ter cuidado ao realizar sua operação historiográfica munido de uma análise crítica com o cruzamento de fontes no que diz respeito ao uso de fontes sujeita à materialidade no papel, o mesmo deve ser aplicado às fontes digitais (SILVA, 2015), a fim de transforma-las em fontes históricas.

REFERÊNCIAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Dados sobre refúgio no Brasil – Balanço até abril de 2016. ACNUR. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos – Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS**, n. 8, v. 3, jan.-jun./2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>>. Acesso em: 10 maio 2016.

CASTLES, Stephen. **As migrações internacionais no limiar do século XXI: questões e tendências globais**. In: _____. Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: os trabalhadores convidados às migrações globais. Lisboa: Fim de Século, 2005, p. 15-43.

COGO, Denise. Mídia, migração e interculturalidade: mapeando as estratégias de midiaticização dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro. **Revista Comunicação e Informação**. Goiânia, v. 4, n. 1/2, p. 11-32, jan./dez. 2001.

_____. **Latino-americanos em diáspora: usos de mídias e cidadania das migrações transnacionais**. Rio de Janeiro: Tróbia, 2012.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: editora UNESP, 2013.

DUDZIAK, Elizabeth. Ferramentas de gestão de pesquisa disponíveis para os pesquisadores. **Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBi-USP)**, 2015.

Disponível em: <<http://www.sibi.usp.br/noticias/ferramentas-gestao-pesquisa-gratuitas-disponiveis-pesquisadores/>> Acesso em: 10 maio 2016.

GONÇALVES, Lucas Henrique; GURAL, Vilma. **Acervos Digitais: dos desafios à preservação**. Jornadas Culturais Fundação Bunge, Centro de Memória Bunge. Curitiba/PR: 7 abril 2016. Informação verbal obtida em palestra/oficina.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiências do Tempo**. Coleção História e Historiografia. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice – Editora Revista dos Tribunais LTDA., 1990.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

LACOUTURE, Jean. **A história imediata**. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jaques (Orgs.). *A nova história*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005, p. 287-321.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Proj. História**. São Paulo, (10), dez. 1993, p. 7-28.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. O presentismo e a realidade brasileira em perspectiva. In: **Revista História da Historiografia**. Ouro Preto/MG, n. 14, abril-2014, p. 148-154. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i14.656>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (orgs.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. **O que é um migrante?** In: _____. *A imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da USP, 1998, p. 45-72.

SILVA, Micael Alvino. As fontes digitais e o ofício do historiador. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 172, set./2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/26924/1513>>. Acesso em: 10 maio 2016.

TEIXEIRA, Ana Paula de Moraes. **Dead line**. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 87.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2008.